



O PATINHO ELMER: UMA ANÁLISE DISCURSIVA E PRÁTICA DO OUTRO NA LITERATURA INFANTIL

José Francisco Duran Vieira (1)

Universidade Federal de Pelotas - jf.duran1963@gmail.com

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Duarte Martins (Orientadora)

RESUMO: O sentimento homofóbico permeia nos meios sociais deixando rasto de violência e chagas físicas e mentais que ultrapassam as fronteiras racionáveis do sujeito. A escola tem um papel importante nesse processo de erradicação desse sentimento, principalmente por estar bastante envolvida, mas infelizmente ao mesmo tempo, emudecida. Outro olhar nas questões da sexualidade e principalmente da homossexualidade é crucial para pensarmos em vivências dentro da diversidade. Este artigo vem analisar a sexualidade através da releitura de um livro de fábula e a sua utilização num projeto que envolveu toda a comunidade de uma escola pública estadual.

Palavras-chave: infância, literatura, homossexualidade.

INTRODUÇÃO

Tão antiga quanto à própria humanidade, a homossexualidade parece narrar com a sua história, uma outra. Esta outra história pertencente a uma via clandestina, subterrânea e muitas vezes torturada pela própria espécie humana, como se fosse uma versão desautorizada da trajetória histórica oficial do ser humano. Por dentro desse cenário foram construídas as historicidades desses sujeitos onde não se definiram claramente os termos homossexualidade e homossexualismo¹,

assim como diferença e diversidade. Tais expressões perpassam por dicotomias que advém desde a visão clínica às marcas identitárias e culturais. Muitas vezes narráveis como sinônimos, essas falas recopiam e estreitam uma luta histórica que meramente levam a um único fio condutor, a normalização². Nessa perspectiva perpassa

Grupo Gay da Bahia – em entrevista realizada a um canal de TV/Aberta.

² As diferenças são construídas históricas, social e politicamente. Diferença não é o contrário de igualdade. Não é sinônimo de diversidade. As diferenças são sempre diferenças. Não devem ser entendidas como um estado não desejável, impróprio, de algo que cedo ou tarde voltará à normalidade. Diversidade remete a uma norma “transparente” construída na sociedade hospedeira. A diversidade parte do reconhecimento, da aceitação, da tolerância para com o outro. Curso de Capacitação na Área da Surdez oferecido pela UFPel/SME, em 2004.

¹ Homossexualismo: termo que remete a uma visão clínica, que deve ser curado, normalizado. Homossexualidade: termo que respeita o sujeito com identidade – relato do Prof. Dr. Luiz Mott/UFB –



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

também a literatura infantil na qual personagens “gays”³ situam-se bem distante da infância e quase nem existem nesse universo literário. Encontra-se ultimamente literatura que abordam essa temática, porém direcionada para o público infanto-juvenil. A homossexualidade deveria ser abordada já na infância não como algo ilegal, pejorativo ou com posições fundamentalista de valores morais e religiosos, mas como outras formas de amar, de viver, de se gostar, como algo de nossa vida, desinente de conquistas de ações afirmativas como casamento igualitário, constituição familiar e das inúmeras multiplicidades de vivências neste universo. Para isso, podemos usar a literatura como uma possibilidade de instrumento de abordagem da homossexualidade no ambiente escolar, aproveitando a história para explorar esses sentimentos, evitando preconceitos e a homofobia. Para tanto, este artigo traz uma análise do livro “The Sissy Duckling” (traduzido para o português como O patinho Afeminado), decorrente de uma releitura da fábula “O Patinho Feio” de Hans Christian Andersen, na qual Fierstein dá um novo estereótipo ao personagem. Concomitante a

³Utilizo a palavra “gay” em vez de “guei” por acreditar que assim grifada é explícito a herança de uma trajetória de lutas sem fronteiras (e não apenas trajetórias nacionais) da comunidade homossexual, cujas marcas foram e são importantes para um posicionamento político e social, na qual são necessárias para o firmamento positivo de novas conquistas de forma “destotalizada”, universal.

essa narração, descrevemos sucintamente o projeto Escola sem Homofobia, que envolveu uma turma de aproveitamento de estudo do Curso Normal Habilitação em Educação Infantil e Anos Iniciais do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, situado na cidade de Pelotas/RS. O pilar de sustentação desse projeto foi trabalhar o sentimento homofóbico por dentro do curso de formação de futuros(as) professores(as) e a heteronormatividade imposta e enraizada nesse ambiente de formação, na qual é crucial desconstruir sentimentos e valores, possibilitando o debate amplo dessa diversidade em todo seu contexto social e político.

A homofobia é o medo de que a valorização dessa identidade seja reconhecida; ela se manifesta, entre outros aspectos, pela angústia de ver desaparecer a fronteira e a hierarquia da ordem heterossexual. Ela se exprime, na vida cotidiana, por injúrias e por insultos, mas aparece também nos textos de professores e de especialistas ou no decorrer de debates públicos. (Borrillo, 2010, p. 17)

Desta forma não podemos ignorar que a literatura infantil, através de suas obras, é um importante elo de comunicação que geralmente se apresenta muito atraente cativando significativamente o imaginário da criança através da fantasia. Explorar esse imaginário utilizando a literatura infantil com histórias que falam do outro de forma afirmativa distancia sentimento muitas vezes



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

herdados através de caráter moralista cuja influência deixará marcas geralmente arraigadas para toda a vida. Para Borrillo (2010), a homonegatividade refere-se ao “conjunto das atitudes cognitivas de cunho negativo para com a homossexualidade nos planos social, moral, jurídico e/ou antropológico”. Em alguns países a literatura que aborda a homossexualidade, tem polemizado tanto ao ponto de algumas comunidades nos Estados Unidos ter solicitado a retirada das bibliotecas das escolas públicas os livros de literatura infantil que abordem essa temática. Apesar de no país ter um maior número de edições que tratam desse assunto, são raras as escolas na qual aceitam que essas publicações possam chegar às mãos das crianças. “Em Lexington, Massachusetts, na Escola Primária de Estebrook, os pais de um aluno processaram o diretor da escola por permitir que fosse lido o livro em sala de aula.” (Dias, 2013). Muitos professores têm trabalhado a literatura na escola dando embasamento e apoio ao planejamento diário de forma interdisciplinar, abordando e explorando o tema proposto pelo livro em suas aulas, indo além da “hora do conto”. Mas quando alguns desses livros tocam na sexualidade muitas vezes, ficam subordinadas as noções de gênero: menino/menina. Não passa, além disso. Distanciando ainda mais as possibilidades de

um currículo costurado e amarrado com os interesses sociais numa dimensão mais ampla. Nessa perspectiva Tadeu (2002), descreve o quanto se aprende através do que ele chama de currículo oculto, no qual também em outras esferas sociais nos apropriamos das “dimensões de gênero, da sexualidade ou da raça, aprende-se, no currículo oculto, como ser homem ou mulher, como ser heterossexual ou homossexual, bem como a identificação como uma determinada raça ou etnia”. No Brasil, também não é diferente, se não for pior. Para começar é muito difícil encontrar literatura que aborde esse tema. Existem, mas geralmente com o intuito de alcançar uma faixa etária mais avançada. A literatura com essa temática para a criança com idade de zero a cinco anos é bem mais escassa. No Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), promovido pelo Ministério da Educação, na qual livros são distribuídos gratuitamente para as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar e que cuja distribuição dos acervos de obras de literatura é efetuada em anos alternados, em 2012 (último ano que o programa atendeu a educação infantil), nenhuma das obras contemplava a temática da homossexualidade.

A literatura gay não deve ser direcionada apenas ao público LGBTTT⁴, mas ao público leitor em geral, e deve ser vista como parte de

⁴ Sigla que denomina Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.



um movimento de emancipação, conseguindo assim fazer com que a arte se alie, direta ou indiretamente, intencional ou não, à defesa de direitos iguais, a ponto de alcançar uma conscientização de cunho político-social, com vistas a minimizar o preconceito. (Utzig, 2014, p. 3)

Literatura gay ou homoerótica? Independente do termo a ser usado é importante ressaltar que, essas denominações utilizadas na literatura são decorrentes de um movimento de libertação da comunidade homossexual que existe há bastante tempo e que refletem hoje em ações afirmativas as quais procuram maior espaço na sociedade e uma ampliação nas implementações de políticas que atendam a diversidade como um todo, principalmente a diversidade sexual. Fora as denominações que atribuímos os professores não estão preparados e muito menos a escola para lidar com esses termos e muito menos com o assunto. A escola trata a sexualidade geralmente como objeto de adulto, quando não se limita a silenciá-la. Segundo Louro (2001), a escola promulga “uma “inocência” infantil que, na prática, supõe que a sexualidade “surge” mais tarde na vida dos indivíduos e nega que as crianças e os/as jovens a vivam ao longo de toda a sua existência”.

A história de Elmer: o patinho “Sissy”

Era uma vez... Elmer. É nesse imaginário bipolar entre a famosa história infantil do

patinho feio que se contrapõe a história de Elmer, um patinho “Sissy⁵”. Alicerçada no conto famoso que também deflagra e traz à tona a discussão da diferença, essa literatura vem incitar e dar visibilidade a esse outro, não apenas para leitores infantis, numa história estigmatizada com personagem homossexual, como também, precisa demonstrar a necessidade de uma vida normalizada. Mas principalmente defrontar e expor outras formas de ser, de agir e de se perceber.

Somos aquilo que somos em função da visibilidade que recebemos do poder – somos essa parte de visibilidade. A individualidade do poder é máxima na medida em que é a partir da sua unidade, da sua identidade que cada indivíduo tem a percepção da sua própria. (Ewald, 1993, p. 85)

No começo da história, conta que Elmer era muito feliz, adorava pintar quadros, jogar, fazer biscoitos, bolos, construir castelos de areia e brincar de marionete. Diferente dos tantos outros patinhos iguais a ele. “Está na hora de você aprender beisebol”, diz o papai Pato. “Você nunca se dará bem no mundo se você não aprender a jogar como os outros”, reafirma ele. Numa exaustiva tentativa de aprender, Elmer supera esforços que não passam de ensaios fracassados para o desespero do papai Pato. A plateia vendo os trejeitos de Elmer, em coro grita: Sissy! O pai

⁵ Sissy: homem ou rapaz efeminado. Michaelis: dicionário escolar inglês. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2001.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desconsolado já em casa brada alto na sala: “Todos eles o chamaram de Sissy!”. Desorientado, Elmer procura consolo em sua mãe, e pergunta: “O que é um Sissy?”. A mãe Pata senta-se ao seu lado e explica: “Sissy é um modo cruel de dizer que você não faz coisas de modo que os outros pensem que você deve fazer... Você é especial, e, às vezes, sendo especial assusta aqueles que não são.”. Segundo Vilela, esses corpos inabordáveis evadem e confrontam a sociedade, na qual indaga:

Mas como apreender as formas não esperadas que se erguem nas linhas de fuga de um campo social? Perante uma história enquanto remissão sedentária do sentido existem devires, que são acontecimentos que se cravam na historicidade do presente como feridas nômades: “as minorias, os devires, as “gentes” [...] são os derives que escapam ao controle, as minorias que não cessam de ressuscitar e de fazer enfrentamento. Os devires não são, absolutamente, a mesma coisa que a história”. (Vilela, 2001, p. 234)

No primeiro dia de aula, o diretor da escola alertou a Elmer: “Nenhum Sissy será permitido aqui nesta escola”. É desta forma que o ambiente escolar surge na história, como uma instituição que permite o acesso ao patinho com trejeitos diferentes, mas que pleiteia um discurso que perpassa pelo adestramento. Corpos que anseiam serem soltos, livres, corpos que procuram ainda uma identidade, corpos que falam, corpos desejosos de respostas que não foram ainda

ditas. Para Foucault (2008), “adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade”. Os corpos na escola são invisíveis, sem prazeres, sem erotismo (mesmo com apelos nos trajes dos(as) alunos(as) e inclusive dos(as) professores(as)), na qual muitas vezes, a direção da escola limita-se apenas a proibir roupas inadequadas, cortes de cabelo, uso de acessórios, *piercings*, etc., sem discutir com a comunidade escolar – alunos(as), pais, professores(as) – todo o fardo pedagógico envolvido. Como diz Louro (2001), “O corpo parece ter ficado fora da escola”. Assustado pelos desentendimentos ocorridos na escola, Elmer chega a casa e esconde-se embaixo da cama. Seus pais conversam na sala. “Ele fugiu em vez de lutar”. “Daqui algumas semanas iremos migrar fugindo do intenso inverso que se aproxima”. “Só os fortes sobreviverão”. Sem perceber que Elmer escutava através da porta entre aberta, exaurido de berrar, o papai Pato finaliza: “Elmer é um Sissy!”.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo, ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (Foucault, 2008, p. 119)

Desiludido consigo mesmo, percebendo-se rejeitado pelo próprio pai, desmoralizado perante a comunidade de sua convivência, mal afamado na escola. Elmer resolve sair de casa. Esse corpo cheio de expressão, desprendendo um vigor advindo de sua própria infância, sedento por brincar, criar e incontestavelmente num período de sua idade na qual se deveria permitir a mergulhos infindos em seu mundo imaginário infantil, defronta-se que aquele espaço, que esse não lugar⁶, não lhe pertencia. Fez suas trouxas e aventurou-se na floresta escura a procura de um lugar onde ele pudesse ser ele mesmo sem incomodar ninguém com seu jeito próprio de ser. O bando de patos preparava-se para partir, o rigoroso inverno estava chegando, precisavam ir para territórios mais quentes e de alimentação farta. Levantando voo, o

⁶Marc Augé, na sua obra *Não Lugares*, empreende a definição de um novo objeto de investigação antropológica – o não lugar – a partir da noção anterior de lugar antropológico. O lugar é definido como um território que delimita as raízes relacionais e históricas de uma comunidade conferindo-lhe, assim, uma identidade. Esse espaço marca um lugar interior – identitário – por remissão ao qual se produzem efeitos de reconhecimento. Ele delimita no mundo “espaços significativos, sociedades identificadas a culturas concebidas, elas mesmas, como totalidades plenas: universos de sentido no interior dos quais os indivíduos e os grupos, que não são senão uma expressão, se definem em relação aos mesmos critérios, aos mesmos valores e aos mesmos procedimentos de interpretação”. (Vilela, 2001, p. 237).

bando sentiu-se ameaçado pelos caçadores que estavam à espreita, esperando-os alçarem voo para caçá-los. A temporada livre de caça estava aberta na região e os homens por entre os juncos armados com suas espingardas começaram a pulverizar o céu com chumbos que estalavam em busca de alvos vivos, sem nenhuma comiseração. Alguns escaparam outros não tiveram a mesma sorte. Elmer, escondido entre as ramificações da floresta percebe seu pai estendido no chão alvejado em uma de suas asas. Elmer leva seu pai ferido para sua casa. Adormecido por semanas, o papai Pato acorda no meio do inverno numa aconchegante casa construída dentro do tronco de uma grande árvore. O velho Pato olha a maravilhosa casa que seu filho tinha feito e exclama: “Você fez tudo isso pra você?”. “Deixe-me aqui e parta para o sul rapidamente. Nenhum pato nunca sobreviveu ao inverno severo desta floresta. Filho salve-se, por favor!”. Elmer calmamente responde: “Você tem dormido por muito tempo. Está muito tarde para partir agora”. Ele abriu a porta de sua humilde e aconchegante casa e o papai Pato pode ver a profunda neve que cobria toda a imensa floresta. “Não se preocupe papai.” – exclamou Elmer. “Ficaremos aqui todo o inverno juntos, jogando, contando piadas, pintando, fazendo bolos até a primavera chegar”. Assim, Elmer mostrou para o velho Pato tudo o que ele



sabia fazer. Para Canguilhem (2007), “basta que um indivíduo questione as necessidades e as normas dessa sociedade e as conteste – sinal de que essas necessidades e normas não são as de toda a sociedade”. No céu anunciava-se com o gritar dos patos, que a primavera já havia chegado e que todos estavam de volta. Recuperado, o papai Pato vai sozinho ao encontro do bando para anunciar que havia sobrevivido. Alguns contentes, outros tantos irados por perceberem que tinham perdido a liderança do bando nesse momento, receberam o papai Pato que eufórico, anunciava que tinha resistido ao inverno rígido graças a seu filho que o cuidou por todo esse período. “A preocupação com “os valores” humanos e cristãos nesta grande constelação “familista” não está necessariamente crispada pela obsessão com a permissividade, mas é conservadora (Pierucci, 2000).” Entre amigos e inimigos, Elmer era um estranho aceito em sua comunidade.

Existem amigos e inimigos. E existem estranhos. Amigos e inimigos colocam-se em oposição uns aos outros. Os primeiros são o que os segundo não são e vice-versa. [...] Os inimigos são a negatividade da positividade dos amigos. Os inimigos são o que os amigos não são. [...] São os amigos que definem os inimigos e a aparência de simetria é ela mesma um testemunho de seu direito assimétrico de definir. São os amigos que controlam a classificação e a designação. A oposição é uma realização e auto-afirmação dos amigos. É o produto e a condição do domínio narrativo dos amigos, de sua narrativa como

dominação. Na medida em que dominam a narração, estabelecem seu vocabulário e lhe dão um sentido, os amigos estão realmente em casa, entre amigos, à vontade. (Bauman, 1999, p. 62-63)

Comemorando com sua mãe Pata que orgulhosa o abraçava, Elmer percebeu que não era tão diferente dos demais, e numa expansiva euforia, Elmer grita: “Sou um grande Sissy, e tenho muito orgulho disso!”.

Saia do Armário: uma intervenção da diversidade sexual na escola

O assunto homofobia apresenta-se como uma temática complexa que envolve a escola, professores, estudantes, pesquisadores e que remete ao paralelismo inclusão/exclusão, que muitas vezes é resguardada e silenciada de certa forma para não gerar visibilidade, pois é um tema provocador que cria em muitos, um sentimento de desconforto decorrentes dessa aversão a homossexuais, muitas vezes por desconhecê-los e por preconceitos decorrentes de temas proibidos, não falados ou reprimidos tempos atrás. A escola evita conversar sobre homossexualidade, quando esta temática deveria ser abordada na escola como outros temas relevantes dentro da educação, talvez principalmente porque o homossexual é visto com preconceito. Justamente nesse espaço que não deveria haver preconceito encontramos uma realidade bem diferente. A homofobia é notoriamente velada nas escolas.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Explicitamente homossexuais são alvos de uma extrema violência inexplicável tanto física como verbal. Segundo UNESCO (2004), “cerca de um quarto dos estudantes ouvidos, não gostariam de ter um colega de sala de aula que seja homossexual e, entre professores, a rejeição é explícita à homossexualidade, ainda que em grau menor”. Diante do preconceituoso diário escolar na qual alguns estudantes se envolvem, também encontramos muita carência de preparação da escola que muitas vezes, não respeita a identidade de gênero e não sabem ou nem reconhecem a existência da Carteira de Nome Social – CNS, criada pelo Decreto nº 49.122, de 17 de maio de 2012, instituída para travestis e transexuais no Estado do Rio Grande do Sul, na qual foi pioneiro e assegurou o direito ao tratamento nominal aos travestis e transexuais nos órgãos e entidades do Poder Executivo deste Estado. Além disso, nos deparamos também com a ausência de debates a respeito da homossexualidade por parte dos professores em sala de aula. Neste ambiente escolar, onde deveria ser garantida a aceitação e a promoção da diversidade, encontramos pessoas que rejeitam os homossexuais, deste modo provendo a homofobia. Percebemos assim, a importância de desenvolver este projeto destinado a desenraizar a homofobia na sociedade e principalmente no ambiente

escolar com alunos e professores, pois no ensaio de discutir a orientação sexual de cada indivíduo, a instituição de ensino é um dos elos nas ações constitucionais e para tanto deve promover a ampliação do respeito às diversidades, deste modo construindo um meio social mais digno e com menos violência. Portanto, não podia ser diferente no Curso Normal, no qual somos responsáveis pela formação profissional de futuros(as) professores(as). O projeto intitulado Escola sem Homofobia: reflexões na formação do(a) aluno(a) no Curso Normal, envolveu duas turmas de aproveitamento de estudo do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil – IEEAB e duas turmas do Curso Normal Formação em Educação Infantil do Colégio Municipal Pelotense – CMP, na qual leciono Didática de Matemática.



Folder do Evento – Ano: 2013

As duas turmas do IEEAB ficaram responsáveis pela organização do grupo de pesquisa nos quais as temáticas foram

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

debatidas em sala de aula. Os temas sugeridos foram: Homossexualidade X Religião; Homossexualidade X Política; Homossexualidade X Escola; Homossexualidade X Família. O projeto tinha como objetivos: pesquisar e apropriar-se sobre as temáticas propostas; relacionar os contextos pesquisados numa aprendizagem dinâmica e significativa para sua formação profissional; assistir e debater o filme “Orações para Bobby” que aborda temáticas que envolvem a família, religião, política e a diversidade sexual; possibilitar e estabelecer um amplo debate sobre gênero, identidade de gênero e diversidade sexual dentro do espaço escolar. Como a exploração da literatura ocorreu no IEEAB vou me deter a descrever a parte do projeto que se desenvolveu nessa escola. Primeiramente as alunas deveriam se dividir em grupos e selecionar um dos temas, na qual deveriam pesquisar sobre a temática escolhida e posteriormente transcrever essa pesquisa para a parte externa do armário de forma artística. Nesse intervalo de tempo, discutimos vários pontos sobre a homossexualidade através de textos, vídeos e do filme “Orações para Bobby” produzido para a televisão, baseado no livro homônimo de Leroy F. Aarons e dirigido por Russell Mulcahy.

A apresentação de todos os armários aconteceu no dia quatorze de junho no ginásio

da escola, nos três turnos para que todas as turmas comparecessem. Os grupos de alunas responsáveis pela execução do projeto e pela pesquisa realizada ficaram ao lado dos seus armários convidando os participantes a interagirem com a obra enquanto elas explanavam sobre a temática. As pessoas eram convidadas, inclusive, a entrar na obra, pois com o uso de uma caneta-pincel podiam escrever suas opiniões nas paredes dos armários. Dentro deles, também, continha um espelho no intuito de refletir a imagem do participante colocando-o numa posição de reflexão sobre o que escrevia ao mesmo tempo em que via sua imagem refletida no espelho, desta forma, provocando-o.



Provador de roupa com a temática:

Homossexualidade X Família - explorando a história
“The Sissy Duckling”.

O grupo que escolheu Homossexualidade X Família em vez de usar um armário ou construir um com madeira reciclada (como os outros grupos fizeram), inovou fazendo um

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“provador de roupa” ao invés de um armário. A proposta do grupo foi utilizar a história de Elmer – “The Sissy Duckling” a versão gay da famosa fábula de Hans Christian Andersen – “O Patinho Feio”. A ideia foi confeccionar, utilizando a técnica de dobradura, patos de vários tamanhos destacando através de um deles o personagem de Elmer: o patinho Sissy. Ao lado dos patos dispostos no formato de móbile estava a história impressa colorida e traduzida para quem quisesse ler. Dentro do “provador de roupa” o grupo disponibilizou através de cabides vários acessórios, na qual poderiam utilizar e provar, como: gravatas, perucas, sapatos femininos e masculinos, acessórios para o cabelo, óculos, saias, camisas, batons, pulseiras, brincos e etc.



Criança se travestindo com os acessórios disponibilizados no provador.

Foi à exposição e a temática mais procurada e visitada por todos os alunos da escola, que, aliás, participaram maciçamente e deixaram perplexo o grupo responsável devido a grande disposição em participar e opinar sobre a temática. No interior do provador, tinha um

espelho na qual foi anexado uma caneta-pincel, onde poderiam deixar mensagens sobre o assunto.



Criança expondo no espelho sua opinião sobre a temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos que transcendem entre a homossexualidade e a normalidade perpassam além dos estereótipos construídos entre esses sujeitos nomeados. Decorrem de vertentes socioculturais com perspectivas e ambivalências que transgridem limites que o ser humano tolera dentro de normas estabelecidas muitas vezes de forma discriminatória, racista e de intencionalidades equivocadas de eugenia direcionada a um público de massa que é manipulado pela midiática excludente da sociedade. A homossexualidade desperta o mais puro ato repulsivo, atrelado à sexualidade, ela defronta, ela deflagra e transita no íntimo da espécie

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

humana. Os rótulos herdados denunciam e irrompem inclusive as mais baixas injúrias.

Nos últimos quatro mil anos, nas diferentes civilizações que serviram de matriz à cultura ocidental, a homossexualidade foi rotulada por diversos nomes atrozes que refletem o alto grau de reprovação associado a esta performance erótica: abominação; crime contra a natureza; pecado nefando; vício dos bugres; abominável pecado de sodomia; velhacaria; descarração; desvio; doença; viadagem; frescura, etc. (Mott, 2001, p. 40)

No final do evento as palavras e as frases deixadas nas paredes dos armários ainda deixavam vivas e pulsando as emoções vivenciadas naquele dia: respeito, união, amor, dignidade, direitos, etc. Para nossa surpresa o evento superou as expectativas, e, ao mesmo tempo nos fez refletir o quanto a escola quer falar, quer expressar seus corpos, suas vontades, seus desejos, sua sexualidade, independente da idade, independente da raça, da condição social, todos estavam representados ali, entre as linhas cruzadas de uma escrita e outras, como se mostrassem caminhos, possibilidades e esperanças. A literatura pode vir como um viés multiplicar de outros caminhos e outras visibilidades, principalmente para a infância, através do uso da fantasia, da imaginação, com outras formas de amar, de constituir família. Dar uma visibilidade afirmativa que desestabilize verdades pré-concebidas. Só ai então, a homossexualidade passa de excêntrica e exótica para cultural. Historicamente, em sua

trajetória os homossexuais herdaram marcas que introjetaram desde uma visão patológica a vivências marginalizadas e violentas na qual a mídia contribuiu para difundir como se fossem culturais. Praças, banheiros públicos, becos, cinemas entre outros locais, eram espaços ocupados antigamente e até hoje o são pelo público gay, que reforçam esse estereótipo e o colocam à margem do convívio social. Mas isso não é cultura gay, é uma marginalização de uma cultura através de uma mídia muitas vezes tendenciosa. Precisamos de ações afirmativas para aduzir e dar mais visibilidade a comunidade homossexual e também debater em todas as instâncias, principalmente no ambiente escolar, a relação e as interpretações que fazemos sobre sexo, gênero e identidade de gênero.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

DIAS, Roberto. M. **O príncipe, o mocinho ou o herói podem ser gays: a análise do discurso de livros infantis abordando à sexualidade**. Porto Alegre: Escândalo, 2013.

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



EWALD, François. **Foucault: a norma e o direito**. Lisboa: Veja, 1993.

FIERSTEIN, Harvey. **The Sissy Duckling**. New York: Simon & Schuster Books, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira L. **Currículo, Género e Sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2001.

MOTT, Luiz. **A revolução homossexual: o poder de um mito** [Versão eletrônica]. Revista USP, n.49, 40-59, 2001. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/49/04-luizmott.pdf>>. Acesso em: abr. 2015.

PIERUCCI, Antônio F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: USP, Editora 34, 2000.

SILVA. Tomaz. T. **Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...** São Paulo: Moderna, 2004.

UTZIG, Ingrid L. de A.; FERREIRA, Rodrigo A. **Literatura Gay como visibilidade à comunidade LGBTTT** [Versão eletrônica]. Artigo de conclusão de curso de Licenciatura plena em Letras, 2014. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/larautzig/literatura-gay-como-visibilidade-comunidade-lgbt>>. Acesso em: abr. 2015.

VILELA, Eugênia. **Corpos inabitáveis. Errância, Filosofia e memória**. In: Larrosa, J. & Skliar, C. (Orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.